



Director literario:

Acquinos
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Edwardo
PAPUSSE

Barraca de Tanteches



D. Fuas e Francisquinho
Vão a casa de D. Ana,
A quem nasceu um netinho
Ha coisa d'uma semana.



Chega o bebê, e o petiz,
Que é levadinho da breca,
Ao vê o pimpólho, diz:
Olha o menino é careca!



D. Ana:—Um momento só...
Que eu vou chamar o papá...
D. Fuas, que usa chinó,
Adormeceu no sofá.



Então o que ha de tembrar
Ao endiabrado Chiquinho?!
Ao tio o chinó tirar,
E ir pô-lo no bebêsinho.



Mas a sua imensa bôlha,
Não contente, decidiu:
Pintar-lhe com uma rôlha,
Bigodes como os do tio!



Acorda o tio entretanto
E exclama ao vê o meudo:
—Ai Jesus! eu dormi tanto,
Que o petiz é já taludo.

A. S. R.



O PRETO-PAPUSSE-PAPÃO

Para o Migas

Música de COUTINHO DE OLIVEIRA

Ao Fernandinho Olavo

Versos de AUGUSTO DE SANTA-RITA

MOD^{ro}

si - guam d'um sa - guão A - uma exclama -

e do em um delin - cioso brado que não tem fim né - nino não se da

Em certa janela tra - ze - ra de casa em rede tron

brucealhão se - bruce se - não A - panha o amado

ca - ra De - quel - la mãe dantes meus De - pim Um ma

preto Papusse De - pã que para - Pa - pim De - pim me -

nino de bibe e cal - são Era certo se - bi - do

ni - no não se da - bruce não se da - bruce por causa De

Da branca ver - ti - do sur - gir o re - andou um malhe -

pim do preto De - puste Papusse De - pã do preto Pa -

preto Papusse De - pã de legão Papulin

pusse Pa - pusse

CAPITÃO (furioso)

Se ele é isso, vamos nós
Ver dos dois qual pode mais;
Se o vosso orgulho, se o meu.

PRINCESA DOS AMORES
Dançar convosco, jámais!

CAPITÃO (no mesmo tom)
Quem o afirma?



A PRINCESA DOS AMORES

PRINCESA DOS AMORES
Sou eu.

CAPITÃO (faz gesto de tirar a espada)

JOANA (assustada)

Senhora Princesa, atenda...
Pode mandar-nos matar!

PRINCESA DOS AMORES (depois de reflectir)

Pois bem; decido a contenda,
Resolvo: quero dançar.

CAPITÃO

Graças, Princesa, sois boa;
Mandai agora, Senhora:
Uma dança que atordoa
Ou a Valsa embaladora?

**PRINCESA DOS AMORES (indefe-
rente)**

O que quizerdes.

CAPITÃO

Pois bem.

(para a orquestra invisível)

Tocai, maestro, a pavana.

(Começam a dançar o Capitão
e a Princesa dos Amores)

**TADEU (depois de ter visto
dançar algum tempo)**

Vamos nós dançar também?
Vamos a isto, Joana?

(Dançam comicamente Joana e
Tadeu)

**BONECOS DE PALHA (quando aca-
ba a dança)**

Bravo! Bravo!

CAPITÃO (para a Princesa)

Sois uma deusa a dançar!

(para Tadeu que não consegue
estar quieto)

Ouçá cá, oh! seu fuinha,
Quer outra vez apanhar?

BONECOS DE PALHA

O tango!

Um BONECO DE PALHA

O tango fatal!

Mostrai-nos como se dança,
Vós que não tendes rival!

CAPITÃO (para Princesa)

Senhora, se vos não cança...
(Princesa faz gesto de aceder
e começam dançando o tango)

**PRINCESA DOS AMORES (procu-
rando soltar-se do Capitão)**
Deixai-me!

CAPITÃO

Como sois linda!

PRINCESA DOS AMORES

Deixai-me, senhor, repito!

**CAPITÃO (querendo continuar a
dançar)**

Um tango, outra vez, ainda.

PRINCESA DOS AMORES

Deixai-me, senão eu grito.

(Como o Capitão, a não deixar
a Princesa dá-lhe uma bo-
fetada)

CAPITÃO

Ah!

TODOS

Oh!

TADEU

Ih!

**PRINCESA DOS AMORES (com alti-
vez)**

Um insolente

Sei ainda castigar!

JOANA (a tremor)

Meu Deus que vai ser da gente?
Vai-nos mandar enforçar!

**CAPITÃO (depois dum grande
silêncio)**

Insolente, ousais chamar-me!
Agrada-me essa ousadia.
Convosco quero casar-me,
E será hoje ao meio-dia!
Quero tudo enganalar:
Balões, bandeiras, verdura...
E que fique assinalado
Este dia de ventura!

(para Tadeu)

Tu, prepara-me um bauquete
Que seja digno de mim,
Beberei vinho palthete
Das uvas do meu jardim!
Convidai as raparigas
Daqui, pelos arredores;
Haja danças e cantigas,
Celebrando os meus amores!

BONECOS DE PALHA

Viva a Senhora Princesa!
Viva o nosso Capitão!

**PRINCESA DOS AMORES (ajoel-
hando)**

Ai, vinde em minha defesa,
Jesus do meu coração!

**JOANA (ajoelhando atrás da
Princesa)**

Senhor, bendito e louvado!

PRINCESA DOS AMORES

Protegei os inocentes!

JOANA

Que o mau seja castigado!

CAPITÃO (tirado)

Calate, bruxa, que mentes!
Não sou mau, sou o mais forte.
(para a Princesa, noutro tom)
Comigo sereis feliz!

PRINCESA DOS AMORES

Dai-me, Senhor, melhor sorte.

CAPITÃO

Pois foi Ele que assim quiz,
Fazendo com que eu vencesse,
Vosso pai e vosso irmão!

**PRINCESA DOS AMORES (sempre
ajoelhada)**

Senhor, ouvi minha prece!

JOANA

Jesus, tende compaixão!

3.ª SCENA

Um BONECO DE PALHA (entrando
esbaforido)

Parece que um regimento
Inimigo se aproxima.

CAPITÃO (saudando a Princesa)

Perdão, Senhora, um momento.
(falando para fora e pela por-
ta da esquerda)

Que se avista lá de cima?!

UMA VOZ (de fora)

Soldados veem correndo
Trazendo nas mãos a espada!

CAPITÃO

E os nossos que estão fazendo?

A VOZ

Já batem em retirada!

CAPITÃO

Eles?!

A VOZ

Não, que são os nossos!

CAPITÃO (para a sceña)

Ás armas! Formar quadrado!

A VOZ

Atravessaram os fossos!...
PRINCESA DOS AMORES

Jesus, sede abençoado!
(Bonecos de Palha formam
quadrado, com armas em riste.
Capitão coloca-se á frente com
a espada desembainhada)

4.ª SCENA

**ZÉ PERALTA (entrando á frente
das suas tropas)**

Não contavam, estou a ver
Que eu viesse visita-los?!

CAPITÃO

Que vindes aqui fazer?

ZÉ PERALTA

Matar-te ou dar-te uns estalos!

PRINCESA DOS AMORES

Vindes vós p'ra me salvar?

ZÉ PERALTA

Recebi esse mandato
Duma fada. E sem parar
Nem fazer espalhafato,
Apezar da resistencia
Estou dentro-do castelo.

BONECOS DE PALHA

Pedimos, Senhor, clemencia!

CAPITÃO (para Zé Peralta)

Eu proponho-te um duelo,
Já que és assim tão valente!

E se me poderes vencer,
Dispõe então, tu da gente!

ZÉ PERALTA

Um duelo!... Pode ser,
E' coisa que me diverte,
E num momento, ladrão,
Vais ficar p'ra ai inerte,
Estendidinho no chão,

**PRINCESA DOS AMORES (falando
a Zé Peralta em segredo)**

Meu senhor e salvador,
Tomai cuidado com ele,
E' muito forte e traidor!

ZÉ PERALTA

Pois vai sem pele ficar.

(para o Capitão)

Agora, cuidado,
Põe-te em guarda (tira a es-
pada)

**CAPITÃO (cruzando a espada
com a do Zé Peralta)**

Já o estava,

**PRINCESA DOS AMORES (em ado-
ração)**

Como é lindo e é ousado!

**CAPITÃO (combatendo em bicos
dos pés, com Zé Peralta que,
fazendo-se pequeno, vai re-
cuando)**

Olá! Esta não esperava!
Já estás atrapalhado?

Pareces um aprendiz,
Mão firme: mostra o teu jogo,
Querem vêr este petiz,
Dar ás de Vila de Diogo?

**TODOS (fazendo circulo á roda
dos combatentes)**

E' verdade, está nervoso,
E mais branco do que a cal!

**CAPITÃO (para Zé Peralta que
recua sempre)**

Não sejas assim medroso!
As coisas correm-te mal?

(batendo com força na espada
do Zé Peralta, que cai no chão)

Um, dois, três! Lá vai a espada!

Venci eu! (para a Princesa)
E a liberdade,

Eu vos dou, Princesa Amada!

(Princesa e Capitão apertam-
se as mãos)

TODOS

Viva a alegre mocidade!

(dão-se as mãos e formam ro-
da em torno do Zé Peralta.)

**CORO (de todos os que estão
em sceña, menos Zé Peralta)**

Tra-lá-lá, Tra-lá-lá,
Que este tipo está gágá!

Tré-lé-lé, Tré-lé-lé,
Coitadinho do néné!

Tri-li-li, Tri-li-li,
Vai p'ra casa da Titi!

Tró-ló-ló, Tró-ló-ló,
Bebê o leitinho da Avó!

Tru-lu-lu, Tru-lu-lu
Pobresinho está lirú!

Trá-lá-lá, Trá-lá-lá,
Pedê socorro ao papá!

Tré-lé-lé, Tré-lé-lé,
Já parece um chimpazé!

Tri-li-li, Tri-li-li,
Ele até já fez chi-chi!

Tró-ló-ló, Tró-ló-ló,
Vamos tirar-lhe o chinó!

Tru-lu-lu, Tru-lu-lu,
Viva eu e morras tu!

(Fogem todos de sceña)

**ZÉ PERALTA (sósinho a chorar
sentado no chão)**

Mamã! Mamã! Mamã!

FM DO PRIMEIRO QUADRO

DO

SEGUNDO ACTO



O CAPITÃO
DOS BONECOS DE PALHA



MAR, MARIA, E MARIANA

HISTORIA PARA MENINOS MUITO PEQUENINOS

Mar, Maria e Mariana eram três irmãs. Viviam numa casinha á beira da estrada. A casinha tinha um jardim-sinho ao lado que tambem dava para a estrada, por uma cancelinha. O jardim-sinho tinha muitas flores e um poço. As meninas viviam muito bem, muito amigas. Mas o pior eram as cobras! Não sabem que historia era essa das cobras? Elas nunca tinham visto nada, mas disseram-lhe os visinhos que já mais duma pessoa tinha visto as cobras no jardim-sinho. E quando as viam, fugiam muito com medo, fugiam nem se sabe para onde. E quando iam a correr, e lhes perguntavam — o que tens? — só diziam:

Se tu visses o que eu vi,
fugas como eu fugi,
...uma cobra a tirar agua,
outra a regar o jardim...

e fugiam e nunca mais voltavam. Mas as cobras voltavam sempre. Todos os anos, pelo S. João. E como as meninas só estavam ali desde o Inverno, nunca tinham visto nada.

No Inverno caía neve, muita neve, e as meninas poucas vezes iam ao jardim. Mas na Primavera, quando a neve derreteu, nasceram flores tão lindas, tão lindas, no jardim!

E as meninas — a ver as flores, a cheirar as flores, a regar as flores, nunca mais pensaram nas cobras.

Ora do outro lado da estrada havia um bosque, e no bosque vivia o Amigo Mõcho. Era muito amigo das meninas, conversava muito com elas, dava-lhes muitos conselhos. A's vezes estava no cimo d'uma Arvore e falava para as meninas, para o lado de lá da estrada. Dizia-lhes sempre «que se vissem as cobras não tivessem medo». Ele era um Mõcho Sabio, e por isso sabia tudo. Sabia que era muito mau ter medo das cobras. Ele tinha lido isso, lá nuns livros muito velhos, que tinha metidos num buraco da Arvore onde morava. Punha os olhos e lia toda a noite nos livros velhos.

Por isso é que era um Mõcho Sabio.

* * *

Um dia a Mariana levantou-se mais cedo e foi regar o jardim. Tinham uns regadores pequeninos, engraçados. O da Mariana era azul, o da Maria, cor de rosa e o da Mar era branco. E cada dia se levantava uma d'elas mais cedo para regar as flores. No Verão, que no Inverno não era preciso.

Quando a Mariana foi ao poço buscar o regador-sinho, ficou-se a olhar... e depois fugiu... fugiu... E as visinhas quando a viram a fugir pela estrada fora e lhe perguntaram — o que tens? — ela gritou:

Se tu visses o que eu vi,
fugas como eu fugi,
...uma cobra a tirar agua,
outra a regar o jardim...

E fugiu, fugiu tanto, que nunca mais ninguem a viu. As irmãs choraram muito quando as visinhas lhe disseram o que tinha acontecido.

E foram logo ter com o Amigo Mõcho, e o Amigo Mõcho disse-lhes que tinha muita pena da Mariana, mas a culpa era só d'ela. Ele bastantes vezes lhes tinha dito — não é verdade? — que nunca tivessem medo, das cobras nem de nada. Mas as meninas eram muito pequeninas, não admira. E o Amigo Mõcho recomendou-lhes outra vez que nunca tivessem medo.

No dia seguinte a Mar levantou-se e foi regar o jardim. Ia muito animosa e quando chegou ao poço e viu

...uma cobra a tirar agua,
outra a regar o jardim...

ficou aterrada, mas não fugiu. As cobras, quando a viram, rastejaram para ela, a assobiar... E dos olhos saiam chispas. Não podes mais ser valente, a pobre Mar e começou a fugir, a fugir!...

Perguntaram-lhe as visinhas — o que tens? — e ela só disse:

Se tu visses o que eu vi,
fugas como eu fugi,
...uma cobra a tirar agua,
outra a regar o jardim...

E continuou a fugir sempre, sempre...

Maria ao outro dia levantou-se ainda mais cedo, e foi logo ao jardim para ver as cobras, para lhes perguntar o que era feito das irmãs. Era a mais animosa das três meninas. Foi ao poço buscar o regador-sinho, mas não viu nada. Lá estavam os três regador-sinhos. O azul, o cor de rosa e o branquinho.

* * *

Passou o Inverno, com muita neve, a Primavera com muitas flores, e Maria sempre muito triste, com saudades das irmãs. Era ela agora quem regava o jardim todos os dias. E para pensar mais nas irmãs regava um dia com o regador-sinho cor de rosa, outro dia com o regador-sinho azul e outro dia com o regador-sinho branco.

Quem a consolava agora era o Amigo Mõcho. Ele dizia-lhe sempre: «Espera pelo Verão querida Maria, e as cobras hão de tornar». E quando o Verão apareceu as cobras tornaram. E lá estavam, junto ao poço,

...uma cobra a tirar agua,
outra a regar o jardim...

Ficou a menina muito alegre, e logo correu para as cobras. Elas eram feias, assobiavam e deitavam chispas pelos olhos. Mas a Maria não tinha medo. Só queria saber das irmãs.

«Senhoras cobras, fazem favor de me dizer onde estão as minhas irmãs. Mar e Mariana, que fugiram o ano passado, com medo das senhoras cobras?» E nem sombra de medo teve, a valente Maria!

Maravilha!

(Continua, na pagina seguinte).

Aventuras de Pim, de Pam e de Pum



*Pim, Pam, Pum... Eis aqui três
Inseparáveis amigos,
Que tem asas nos pés
Sempre que vão roubar figos.*

*Para não correrem p'rigos
Decidem: — Um deles ir
Participar, prevenir,
O próprio dono dos figos.*



*Dito e feito, Com perícia
E artimanha genial
Veste-se o Pum de polícia
E vai procurar, sem medo,*

*Zé Figueira Figueiredo,
Por alcunha o Figueiral,
Que assim se chamava o tal
Dono daquela delícia.*



*Sôr Figueira Figueiral
— (De polícia, diz o Pum):
Os ladrões roubam-lhe o figo
Que o senhor tem no quintal;*

*Mas deixe o caso comigo,
Porque se eu apanho algum
O que lhe faço, nem digo!
(E clama o Figueira:) amigo,
Apanhe-me ao menos um!*



*Brada Pum: — Vá descansado,
Vá ao que tem que fazer,
Que eu me vou lá esconder
Na figueira, escaranchado,
Para o que dêr e vier!*

*E o Figueira comovido
Parte e diz agradecido
Pois será recompensado,*



*E agora Pum muito lesto,
Na Figueira escaranchado,
Vai deitando para o cesto
Por Pam e Pim transportado,*

*Sem nenhum susto nem medo,
Como pardais n'uma eira,
Todo o figo da Figueira
Do Figueiral Figueiredo.*

PÁPIM,

As cobras encantadas, transformaram-se num lindo Príncipe Moiro e numa linda Princesa que era noiva d'ele, e logo contaram a Maria que um Feiticeiro que não gostava de medrosos os transformara assim porque um dia tiveram medo duma cobra. E era o encanto eterno enquanto não aparecesse alguém que não tivesse medo deles. E para mais, o feiticeiro tinha-os transformado em cobras feias que assobiavam muito e deitavam chispas pelos olhos.

E mais contente ficou a Maria quando viu que o poço se transformou no lindo palácio dos Príncipes Moiros e começaram saindo de lá

todas as pessoas que tinham fugido com medo às cobras, e no fim Mar e Mariana, as irmãs queridas.

E com que alegria viveram as três irmãs o resto da vida na casinha à beira da estrada, agora ao lado do lindo palácio dos Príncipes Moiros, de quem ficaram sendo muito amigas.

Mas nunca se esqueceram do Amigo Mõcho, que vivia do lado de lá da estrada, n'uma Arvore da floresta que lia muito n'uns livros, e dava tão bons conselhos...

I. C.



Muniquê,
Março
1925.



LUIZ DE CAMÕES

Assim como uma linda planta desabrocha em lindas flores, mais ou menos formosas, assim as Pátrias florescem também em talentos e gemas, corações e consciências.

Luiz de Camões foi a mais bela flor da nossa Terra.

Tudo que havia de formoso e de bom, germinou e floriu na sua alma de poeta e coração de guerreiro.

Sofreu, amou, cantou e batalhou! Nascido de uma família de fidalgos pobres, em 1525, passou os primeiros anos da sua mocidade na corte, depois de haver feito os seus estudos em Coimbra.

Apaixouando-se por uma dama do Paço, a quem, em lindos versos de amor, tratava por Natercia, anagrama de Catarina, seu verdadeiro nome, foi exilado para Santarém. Cansado deste exílio, conseguiu tomar parte, como simples soldado, na expedição que Portugal enviou contra Marrocos. Num combate naval, em Ceuta, perdeu o olho direito. De regresso a Lisboa com o chefe da expedição, D. Afonso de Noronha, que acabava de ser nomeado vice-rei das Índias, resolveu segui-lo como simples soldado, embarcando com ele em 1553.

A sua longa permanência em Goa inspirou-lhe a ídela do seu poema: — *Os Lusíadas*, fazendo-lhe sentir mais vivamente a genial aventura de Vasco da Gama: — a descoberta do caminho marítimo para a Índia, que abriu uma larga estrada ao Comércio do seu País e a intrepidez dos homens que o acompanharam em tão notável feito.

Após varias discordâncias com o vice-rei de Goa, publicou em 1555 uma sátira infitula «Disparates na Índia». Por esse facto o vice-rei exilou-o, nas filhas Moluques, mas D. Constantino de Bragança, que o substituiu, deu ao Poeta um lugar bastante lucrativo em Macau.

Foi lá que nas horas vagas que lhe deixaram as suas funções de «curador dos bens dos mortos e dos ausentes», Camões concluiu, tranquilamente, *Os Lusíadas*. Na travessia de Macau a Goa, uma tempestade submergiu o navio na embocadura de Mikong, salvando-se Camões, que conseguiu salvar também o seu poema, empunhando-o com um braço fora de água, enquanto com o outro nadava em direcção a terra.

De volta a Lisboa, uma aurora de prosperidades pareceu brilhar para ele.

D. Sebastião acabava de subir ao Trono de Portugal.

Este joven rei, generoso, amigo das letras e das artes, encorajou Camões com palavras de estímulo, acelerando a dedicatória do poema: — *Os Lusíadas*. Mas quando D. Sebastião encontrou a morte na batalha contra os mouros, em Alcacer-Kibir, tudo mudou de aspecto.

O Reino, que foi entregue a uma família estrangeira, caiu no domínio de D. Filipe II, rei de Espanha. Então Camões caiu num desalento completo. Todavia a lenda que diz haver o seu escravo Jáu mendigado a sua subsistência e que ele morreu no hospital, é falsa.

A SEMANA DO COLISEU



Artistas que actualmente trabalham no Coliseu dos Recreios



Porque não te queres sentar nos joelhos d'aqule senhor?
— Porque os não tem!



Bom Jesus do Monte

O Bom Jesus do Monte eleva-se a 3 kilometros de Braga, no cimo de uma montanha verdejante e coberta de formosas arvores; onde se ouve por toda a parte o fresco murmurio da agua nas fontes, e do cimo da qual se pôde contemplar um delicioso panorama.

A arte auxiliou um pouco a Natureza, e não a estragou, o que é raro. As arvores alinharam-se em magnificas alamedas. Uma escadaria bastante imponente conduz o viajante até ao adro do templo.

Apressamo-nos a ir-nos perder nessas alamedas sinuosas, onde formosas arvores de frondosa folhagem opõem aos raios do sol um escudo impenetravel, prestamos o ouvido ao gorgear das fontes que soa por toda a parte, escutam os esse doce frémito das arvores agitadas por uma ligeira brisa, e, palavra de honra! esquecemos o Bom Jesus que está lá em cima na Igreja e a Virgem do Sameiro, cuja estátua colossal se ergue sobre uma rocha, no mais alto cimo da montanha, para só pensarmos no Eterno Creator de todas estas maravilhas que paira bem alto, no seu templo azul, sobre os esplendores e as magnificencias da sua obra imortal.

Pela manhã, quando os ramos das arvores estão ainda alfojados com o orvalho da noite, quando se caminha de vagar sobre o veludo humido da relva, quando as aves gorgejam ao desafio, saudando a aurora, ao passearmos debaixo dos cedros antigos, sentimos o coração inundado de paz celestial.

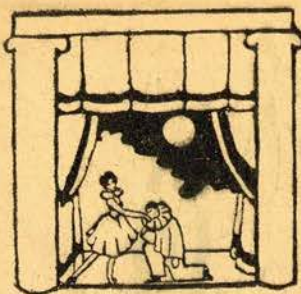
Ha tambem em nossa alma uma ave misteriosa que canta os louvores do Eterno.

No mês de Maio ha a grande romaria e milhares de homens e de mulheres dormem á noite debaixo das arvores, acendem fogueiras, e a montanha toma então um aspecto fantástico. Ao nascer do sol põem-se processionalmente em marcha, e vê-se então um imenso formigueiro desenrolar-se no escadario, sobem cantando hinos, e vão levar as suas homenagens a Jesus que lá em cima campeia, na sua Igreja, ou á Virgem, cuja estátua colossal se recorta no fundo azul do céu.

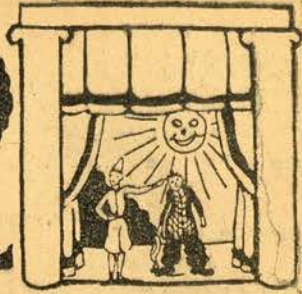
A Igreja nada tem de notavel, é contudo bastante elegante, e nela se encontram alguns quadros de Sequeira.

Ha ali duas ou três hospedarias que no verão estão sempre atulhadas de viajantes. Tem uma dessas hospedarias uma sala de jantar verdadeiramente deliciosa, vê-se das suas janelas essa linda paisagem que descrevemos, e que reflecte nos espelhos cercando os convivas de um cinto verdejante, enquanto se vai ouvindo sempre o murmurio das fontes, que se confunde com o estalido das rochas do champagne.

Pinheiro Chagas



TEATRO INFANTIL



«VALENTIAS DO ZÉ PERALTA»

PEÇA EM 2 ACTOS E 3 QUADROS

ORIGINAL DE ALBERTO AMADO

ACTO PRIMEIRO. — A scena representa o quarto de dormir do Toninho. Ao fundo uma caminha com cortinados, ao lado uma banquinha com candieiro; na parede, por cima da cama, uma gravura com a Virgem tendo o Menino Jesus ao colo. Uma cómoda com um relógio em cima marcando 9 horas. A mobília é toda em branco e vermelho.

PERSONAGENS	
Toninho (Zé Peralta)	Princesa dos Amores
A Ama do Toninho	Cosinheiro Tadeu
A Fada Azul	Joana, (criada)
Capitão dos Bonecos de Palha	A Mamã do Toninho
Aias da Fada Azul, Soldados, Bonecos de Palha.	

Ao levantar o pano a Ana está preparando a cama para o Toninho se deitar. Toninho, deitado no chão, está brincando com um grande boneco, o Zé Peralta, vestido de soldado, o qual com uma grande espada na mão, derruba outros soldados, muito mais pequenos, diferentemente fardados e que são os Bonecos de Palha.

1.ª SCENA

A AMA, *(ouvindo o relógio bater 9 horas)*
Ouve, menino Toninho? Estão 9 horas a dar. Venha cá dar-me um beijinho E depois toca a deitar.
TONINHO *(continuando a brincar)*
Espera um momento; inda falta Ver quem vence esta batalha, Se as tropas do Zé Peralta Ou se os Bonecos de Palha.

A AMA
Isso fica para amanhã.
TONINHO
Espera um pouco já disse.
A AMA
Olhe que eu chamo a mamã. Vamos, não faça tolice.

TONINHO *(entusiasmado)*
Ai, Peralta, é assim Que ficas cheio de gloria!
(fazendo com que o boneco derrube outro)
Mais um! Venceste! Eh! clarim!
Anuncia esta victoria!
(toma uma corneta onde toca)

A AMA
E agora é meter na cama P'ra amanhã levantar cedo.
TONINHO *(levantando-se com o Zé Peralta em triunfo)*
O povo, louco, aclama Peralta, o homem sem medo. Oh! Ama, quando eu for grande Hei de ser um capitão, Ter soldados em quem mandedo...

A AMA *(ajudando-o a despir)*
Pois sim, mas tire o calção.
TONINHO

Quero trazer uma espada, E calças até abaixo Com listra toda encarnada, Mais um bonet com penacho, Montar um grande cavallo

Namorar uma petiza Ter um rival e matá-lo.
A AMA
Agora dispa a camisa.
TONINHO
Porque eu cá sou um valente, Toda a gente assim me chama. *(apalpando a cama com a mão)*
Ai! que caminha tão quente!

A AMA
Só falta pôr o pijama. *(Toninho veste o pijama)*
Não esqueça a oração; Peça a Deus pelos seus pais, Mas reze com devoção.
TONINHO

Por quem rezo agora mais?
A AMA
Mas faça o signal da cruz. *(abraçando Toninho)*
Ai! o meu rico menino!
Bõa noite. *(em aparte)*
Onde é que eu puz O maço de algodão fino?
(encontrando-o)

Ah! Está aqui:
TONINHO
Oh! ama!
A AMA
Caluda, nem mais um pió. Ouve a mamã que me chamou? Quer mais roupa? Sente frio?
(Toninho responde com a cabeça que não. A Ama sai)

2.ª SCENA

TONINHO *(dentro da cama)*
Que valente é o meu Peralta! Que linda figura tem! Afinal o que me falta P'ra ser como ele também? Não tenho medo nenhum, Ah sim, sinto às vezes medo Se tiro oco, pum, pum... *(E isto muito em segredo)*
Bigodeira inda não tenho, Mas inda hei-de vir a ter, Ou então meto um empenho

A que Deus ha-de atender. *(já meio tonto de sono)*

Mas o que mais me atrapalha Onde é que eu hei-de arranjar Para os Bonecos de Palha, Um chefe p'ra os comandar? Sim, deve haver sempre um chefe,
Um chefe que seja mau Que lhes dê muito tabefe E lhes bata com um pau. *(com muitos abrimentos de boca)*

Um chefe que... Zé Peralta, Esse é bom... tem coração... Ah!... Ah!... que casa tão alta... *(resona)*
(Faz-se um grande silencio só se ouvindo o tic-tac do relógio)

5.ª SCENA

A FADA AZUL *(entrando)*
Está dormindo o valentão Que ha tanto já procurava, E é bem bonito o rapaz; Apostar não se me dava Que ha-de vencer Satañaz. A fada minha mádrinha, Fadou-me duma só vez E, dando-me esta varinha Do condão, fada me fez, Vou pois tecer o meu fado Enquanto tu não despertas; Quero que sejas soldado E victorias tenhas certas. Ha uma linda princeza, Prisioneira dum ladrão, Que tu, por força ou esperteza, Livrarás; formosa acção, E agora acorda que é tempo De batalhar e vencer, Não vá surgir contra-tempo Que tudo deite a perder. Acorda, sou eu que ordeño E que hoje a transformação De, adormecendo pequeno, Acordares homenzarrão.

TONINHO *(acordando. Tem um grande nariz e uns bigodes enormes)*
Oh! que formozza senhora! E eu cá metido na cama! Será rainha ou pastora? Diga lá como se chama?

A FADA AZUL
Eu chamo-me a Fada Azul.

TONINHO
A Fada Azul! Ora viva! *(aperta-lhe a mão)*

Cómo vem toda tãful! *(procurando abraça-lo, o que a Fada não consente)*

É pena que seja esuiva!
A FADA AZUL
Anda cá, toma juizo, Preciso de te falar.

TONINHO *(aparte)*
Será isto o Paralzo Ou estarei eu a sonhar?

A FADA AZUL
Não é um sonho, descança, E vou dizer-te o que ha: Em lindas terras de França Num castelo, para lá Daqueles montes que avistas, Lá muito ao longe, está presa, Entre cem contrabandistas, Uma formosa princeza, A Princesa dos Amores, E não ha maior belesa Ali pelos arredores.

TONINHO
Não cáio em mim de surpresa!
A FADA AZUL
Queres tu salvar, meu heroe, A princeza?

TONINHO *(aparte)*
Olha que espiga!
(para a Fada Azul)

Hoje não porque me dóe... Porque me dóe a barriga.

A FADA AZUL
Eras a ultima esperanza, Já ninguém a salvará!

TONINHO
Demais sou uma criança Não sei se deixa o papá.

A FADA AZUL
Não esperava isso de ti, Pois tu tens medo, o Peralta?

TONINHO

Trai la rai la rai la ri,
Que a tipa tem uma falta!
Peralta! Chamas-me agora??
Peralta me chamas tu?

A FADA AZUL

Sim és Peralta e tu...

TONINHO

Ora,
Oh! filha, tu estás lirú!

A FADA AZUL

Olha o espelho e me dirás,
Se minto ou digo a verdade

TONINHO (olhando o espelho)

Mas que é isto, meu rapaz,
Mudaste agora de idade?
Quem te pôs este bigode
E este grande nariz?

A FADA AZUL

Aquele que tudo pode.

TONINHO

Deixei de ser um petiz?
(neutro tom)



ZÉ PERALTA (TONINHO)

Sou agora o Zé Peralta.
Já não me dóe a barriga,
Acabam de me dar alta.
Quem tem valor que me siga,

Vou salvar essa princesa;
Hei de alcançar a victoria
E que a luta seja tesa,
P'ra eu me cobrir de gloria.

A FADA AZUL

Vai Zé, vai meu cavaleiro,
Sou eu quem já te proclama

ZÉ PERALTA (TONINHO)

Vou num pronto, vou ligeiro
(vai a sair)

A FADA AZUL

Não podes ir de pijama.

ZÉ PERALTA

Oh! diabo, tens razão
Não vais lá muito decente:
Com uma racha no calção.

(faz menção de a mostrar)

A FADA AZUL (desatando a ca-
ra, pudibunda)

Não mostres cá isso á gente.

ZÉ PERALTA (desanimado)

Pois não sei que hei de fazer
Para ficar mais janota,
Só tu me podes valer
A descalçar esta bota

A FADA AZUL

Vais vêr como tudo posso
Co'a varinha de condão.

(faz um gesto com a varinha e
ouve-se tocar um sino)

ZÉ PERALTA

Credo, Jesus, Padre Nosso,
Quem é que disse: Talão?
Que vejo? (entram 3 meninos
vestidos de branco, conduzindo um andor)

ZÉ PERALTA

Mas é um andor,
E os meninos que o trazem
São todas mesmo um amor!
Oh, que olhinhos que me fazem!
(pretende abraçar as meninas)

A FADA AZUL

Tem-te, Peralta, repara
No alto cargo que ocupas.

ZÉ PERALTA

(acariciando uma das meninas)
Mas que lindeza de cara!
O coração sinto ás upas.

(As mentras que são as aias
da Fada Azul, abrem o co-
fre donde tiram peças de
vestuário).

1.ª AIA DA FADA AZUL

(dando a Peralta umas calças
verdes que lhe ajuda a vestir)

Eis as calças que vestiu
O sr. Vasco da Gama,
Quando visitou em Diu
O Shah que estava de cama.

2.ª AIA DA FADA AZUL

(dando a Peralta um casaco
encarnado)

Quem vestiu este casaco
Foi o velho pai Noé.
Depois serviu a um macaco
E agora para ti é.

3.ª AIA DA FADA AZUL

(dando a Peralta um cachenez)

Levou este cachenez
O rei D. Sebastião;
Quando foi para a Guiné
Num cavalo de cartão.

4.ª AIA DA FADA AZUL

(dando a Peralta um chapéu)

Toma o chapéu emplumado
Do grande Napoleão;
Está um pouco amachucado
Mas 'inda vale um tostão!

5.ª AIA DA FADA AZUL

(dando a espada a Peralta)

Eis a espada que serviu
A D. Fuas Carrapeto,
P'ra matar um velho tio
Que depois assou no espeto.

ZÉ PERALTA

(fardado e empunhando a es-
pada)

Almas dos que combateram
Sabendo morrer de pé,
Vede que em mim accenderam
O mesmo ardor e a fé.

(ouve-se rufar o tambôr)

Já oíço ao longe o tambôr,
Lá vem o meu batalhão...

(despedindo-se da Fada Azul e
Aias)

Adeus Fada, meu amor,
Filhas do meu coração!

(para o regimento que vem en-
trando)

Alto, rapazes! Sentido!
A's damas a continencia.



A FADA AZUL

(depois de saudar as damas)
E agora está decidido:
Aos francezes sem clemencia.
(odo saindo Peralta e solda-
dos)

A FADA AZUL

Adeus, adeus, boa sorte
Vos dê Deus.

Todos

Adeus, adeus!

ZÉ PERALTA

(numa bravata)

Descança se eu vir a morte,
Lá lhe dou recados teus!

FIM DO 1.º ACTO

